



A Illustração Portuguesa

SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Baldemonio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha. Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. C. Machado L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por Santilhana;—*Ma, ua trahi ta*, versos, por Antonio Fogaça;—*Os cravos*, conto, por Eugenio de Castro;—*A esperança*, soneto, por D. Maria do Val;—*Constantino, rei dos floristas*, por Pinheiro Chagas;—*Tic... Tac...*, conto, traducção de Alfredo Gallis;—*De Paris a Trouvil'e*, por D. Guiomar Torrezão;—*As nossas gravuras*;—*Em familia (Passatemplos)*;—*Expediente*;—*A rir*;—*Um conselho por semana*;—*O Mez de Maria*, conto, por José Maria da Costa.

GRAVURAS:—*Conde de Casal Ribeiro*;—*O tumulto do Papa Pio IX*;—*Palacio da Legação franceza em Pekin*;—*Ponte sobre o Douro*;—*Costumes russos: Um musico d'aldeia*.

CHRONICA

Al fin y al cabo, nada de novo.

A França, para se entreter, tem de vez em quando, como agora, lá por casa, as suas crises ministeriaes muito baralhadas, muito difficeis, que dão noites e noites de vigilia ao pobre do sr. Grévy e fazem andar á roda as cabeças dos republicanos.

A Hespanha está sempre a sonhar com o espectro dos pronunciamentos.

A Inglaterra diverte-se, preparando festejos grandiosos para celebrar o jubileo da velha rainha Victoria, não havendo *whig* nem *tory* que não dê o seu contingente para aquelle grande bródio nacional.

A Belgica anda entretida com as gréves dos mineiros.



CONDE DE CASAL RIBEIRO

A Allemanha concentra as suas atenções na Alsacia-Lorena, que não lhe dá pouco que fazer.

A Italia delicia-se com as festas surprehendentes de Veneza, da sua poetica Veneza, escutando embevecida os accordes das serenadas e as canções alegres dos gondoleiros.

A Russia, para se divertir, arranja todos os dias um attentado contra a vida do imperador Alexandre, que se vae divertindo, por seu turno, em mandar enforçar summariamente os conspiradores na fortaleza de Pedro-e-Paulo.

Só nós, os valentes portuguezes das descobertas gloriosas, que outr'ora, cheios d'amor pelo trabalho, mandavamos as nossas caravellas e os nossos galeões a mares nunca d'antes navegados, só nós é que passamos hoje a vida n'uma perfeita ociosidade de *lazzaroni*, sem crises politicas a resolver, sem pronunciamentos com que sonhar, sem jubileos que demandem festas ruidosas e sem nihilistas que mettam requerimento para ser enforcados. Mesmo que houvesse nihilistas e conspiradores, não havia força. Para casos graves, temos apenas o *Africa* e o *Pimpão*.

Ainda eu, de quando em quando, recorro á Chronica para me entreter; mas o que vale uma chronica comparada com uma grêve de mineiros e com uma crise ministerial exuberante de episodios grotescos? Sim, façam favor de me dizer o que vale?

Um facto extraordinario e nunca visto se observou no proseguimento da ultima crise politica em França, crise que já leva doze dias de vida laboriosa, e que o velho solitario do Elyseo ainda não conseguiu resolver, até á hora em que escrevemos.

Ninguém quiz prestar-se a ser presidente do conselho; não houve ainda um patriota que quizesse tomar sobre os hombros o pezo da missão governativa e que se afoitasse a organizar ministerio por sua conta e risco.

Abordou-se mr. de Freycinet, e nada. Foram ter com Clémenceau, e moita. Procuraram Floquet, e o presidente da camara dos deputados abanou as orelhas. Faltou-se a Duclerc, e Duclerc não esteve pelos autos. Appella-se, por fim, para o patriotismo de Rouvier, e Rouvier a nada se move. Grévy perora, supplica, roga, pede pelas bentas almas que lhe acceitem uma pasta; diz, com lagrimas enternecedoras, que a França não pode continuar assim sem governo, ao Deus dará, que é uma vergonha; procura atizar-lhes os brios, alludindo á troça que Bismarck deve ter já feito dos francezes; mas nem lagrimas, nem supplicas, nem o receio da chacota do chancelier de ferro logram convencel-os a architectar um gabinete.

Ninguém ali quer, nem á viva força, ser ministro.

E' estranho, pois não é?

Entre nós, acontece exactamente o contrario. Todos se reputam á altura de ser ministros, chefes de partido e chefes de governo; e se as crises, aqui, duram ás vezes mais de quarenta e oito horas, o motivo da delonga não é nunca a falta de candidatos á governação: é a espantosa abundancia d'elles, o que, sobremaneira, difficulta a escolha definitiva.

Pode muito bem succeder que, d'ora ávante não se dê por cá isso e que o numero dos concorrentes seja mais limitado. O espectro d'um bofetão é o bastante para desfazer muitas illusões côr de rosa. Mas em França, não nos consta que ministro algum fosse esbofetado, e, todavia, ninguém ali quer collaborar com Grévy na tarefa de dirigir os destinos da Republica. E' certo que Freycinet foi derrotado por esta mesma maioria que poz escriptos em Goblet, mas uma derrota não é uma bofetada, e se elle sahio da camara corrido por aquella maioria que hoje queriam impingir-lhe, ao menos não

disseram as gazetas, nem o noticiou a agencia *Havas*, que alguém o houvesse esbofetado á sahida do parlamento.

Nem de Freycinet era homem para se deixar levar. Quando muito, foi-o para se deixar cair, mas ha tanta gente boa, tão boa como elle, a quem isso succede!

Arrastados no pendor d'estas considerações, esbarrámos, sem querer, no caso Ferreira d'Almeida, caso intrincado e difficil, que deverá já estar completamente resolvido quando a nossa pobre chronica correr mundo.

O conselho d'investigação atirou com o seu parecer para o ar livre da publicidade, declarando que se dera a bofetada, mas que se dera em seguida a uma discussão de carater politico, não pelo official de marinha, mas pelo deputado que o ministro provocou.

Não obstante as declarações formuladas n'esta peça inicial do processo, o sr. commandante geral da Armada deu como sentença que o *official* agredira o ministro, estando por isso incurso no 1.º dos artigos de guerra!

Entregue o processo á camara dos deputados, a comissão de legislação criminal da mesma foi de parecer que o deputado Almeida seja suspenso das funções parlamentares e que o referido processo siga no intervallo da actual sessão legislativa.

E' de crer que a camara approve o parecer da comissão, e Faro ficará sem um dos seus representantes em côrtes. Restam-lhe ainda os outros, e o Assis. Não se perdeu pois tudo n'esta campanha da bofetada parlamentar.

O que nós perdemos já fôram os concertos de S. Carlos, concertos dos quaes a Chronica só presenciou o ultimo, sem trazer saudades d'elle, nem pena de não ter assistido aos nove primeiros. E não se imagine que não achámos deliciosamente interpretada e esmeradamente executada toda a musica que lá nos offereceram, O que achámos, foi musica de mais, muita musica mesmo, regida, com a frieza caracteristica da raça teutonica, pelo alambasado e barbudo allemão, sr. Rudorff.

A batuta, nas mãos d'este subdito do velho imperador Guilherme, não parece uma batuta, parece uma clava ou um bacamarte, e como tal se move pezadamente, descrevendo no ar curvas desgraciosissimas.

Maestro e batuta são feitos d'uma peça só. Olhando para elle, dorme-se inevitavelmente, sobre tudo quando se está, como nós estivemos, no centro d'uma bancada deserta, encontrando o vacuo á direita e á esquerda.

Depois, tu, querida leitora, estavas somnolenta e triste. A tua tristeza e o teu somno communicaram-se-nos. Que saudades do Mancinelli e que recordações do Colonne!

SANTILHANA.

MAGUA TRAHIDA

N'aquelles olhos vivos e formosos
Como as dahlias azues da Alacridade,
Paira uma ingente e livida saudade
Muito embora rebrilhem venturosos.

Onde ella existe não existem gozos;
Na sua alma não passa a claridade;
Mas no entanto, ao sorrir-se quem não ha de
Desejar-lhe os encantos gloriosos?...

Soffre tanto, meu Deus, e tão occulta,
Que quanto mais encobre a dôr pungente,
Mais essa dôr no coração lhe avulta.

Tambem do Sol rebenta o cataclysmo...
E quem dirá que um prado florescente
Pode esconder a bocca d'um abysmo!...

ANTONIO FOGAÇA.

OS CRAVOS

A' beira da estrada, mesmo defronte da capella do Senhor dos Afflictos, ficava o palacete do Morgado.

Um rico palacete, não tinha duvida.

A' frente havia uma grande porta chapeada de ferro, tendo por cima o brazão dos Cysneiros com cinco flores de lyz e tres cysnes em roquete.

A porta deitava para o pateo, d'onde subiam duas escadas de pedra: uma para o palacete, outra para o terraço.

O Morgado, desde que lhe morrera a mulher, encerrára-se ali, resolvido a cortar com todas as suas relações.

Cortou-as, com effeito.

Ninguém mais o viu, ninguém mais o visitou, e dizia-se até que o Morgado não estava bom da cabeça.

Entretanto o bom do velho, um pouco resignado com as suas desventuras, encantava-se com esse isolamento voluntario, com esse tranquillo socego, tão dôce, tão cheio de serenidade.

Tinha apenas dois criados, a filha, que estava no collegio, e as flores.

Era doido por flores: logo de manhã cedo, subia ao velho terraço de pedra cheio de alegretes e de versos, e começava a regar cuidadosamente as suas pequeninas amigas.

E, de manhã até á noite, o Morgado não fazia outra cousa: cuidava dos vasos, perseguia os formigueiros e, se havia alguma planta doente, o fidalgo, com uns desvellos de enfermeiro, apalpava-lhe os ramitos como que a vér se ella teria febre.

Outras vezes, defronte d'uma rosa ou d'um geranio bem desabrochado, o velho tocava-lhe cariciosamente com a pontinha dos dedos, como quem affaga a cabecinha deliciosa d'uma bem-amada.

Ora uma vez, logo depois do almoço, o fidalgo recebeu uma carta da superiora do collegio, noticiando-lhe a doença da filha:

«Que era uma anemia, dizia a superiora: e acrescentava que o medico havia aconselhado a mudança d'ares.

N'esse mesmo dia, cheio de sustos e de receio, o Morgado partiu a buscar a sua pequenina doente, que melhorou consideravelmente, logo nos primeiros dias.

Foi n'essa occasião que meu pae conprou uma quintarola juncto ao palacete do Morgado.

Apenas nós chegámos, o velho fidalgo, que ainda era nosso parente, foi visitar-nos.

No dia seguinte fomos pagar-lhe a visita.

O velho appareceu-nos muito satisfeito com as melhoras da filha, fallou-nos das suas flores, dos seus projectos e disse-nos que estava resolvido a nunca mais abandonar a companhia de Bertha.

Estávamos já para sahir, quando appareceu a Morgadinha.

Era uma creatura encantadora, muito branca, muito loira.

Fallou-nos com muita amabilidade e prommetteu fazer-nos uma visita, logo que pedesse.

*

Mezes depois, a pequenina Bertha era a minha namorada.

Davamos longos passeios encantadores, faziamos projectos deliciosos e trocavamos pequeninas confidencias.

A's vezes, na força do calor, iamnos sentar-nos no pinhal: e, enquanto eu lhe dizia os meus versos, Bertha encostou no meu hombro a sua cabecinha de passaro e protegia-me com o seu olhar bemfazejo e sereno.

Corria tudo perfeitamente.

Todos os dias de manhã, Bertha enviava-me grandes presentes de flores, roubadas clandestinamente dos alegretes do terraço.

Ora uma vez, ao cahir da tarde, apenas cheguei ao banco de azulejos, onde nos costumavamos encontrar, achei um pequenino bilhete de Bertha, em que me dizia que lhe era impossivel vir ter commigo.

—Porque será? perguntei eu a mim mesmo. Ella, tão pontual, tão cuidadosa, que razão terá para não vir?

Passei toda a noite a pensar n'isto e, logo de manhãzinha, fui sentar-me no banco do costume, á espera que ella chegasse.

Finalmente, duas horas depois, vi apparecer ao fundo d'aquella ruasinha de lilazes o vulto adoravel de Bertha, muito fresca na sua «toilette» de musselina côr de rosa.

Mesmo a distancia, notei que vinha muito triste, muito pallida.

Encaminhei-me para ella e apenas lhe apertei as mãositas de gélo, lançou-se-me ao pescoço e começou a chorar, a chorar muito, como uma pombita amargurada.

—Mas que foi, minha filha? perguntava-lhe eu: o que foi?

Então a pequenina Bertha, sentando-se ao pé de mim, contou-me o que lhe tinha succedido.

No dia antecedente Bertha, logo que se levantou, subira ao terraço com tenção de colher algumas flores para me enviar.

Suppoz que o pae ainda estivesse a dormir e, por isso, aventurou-se a apanhar alguns d'aquelles cravos brancos que elle estimava tanto.

O ramo dos cravos estava quasi prompto, quando Bertha descobriu, de repente, ao fundo do terraço, o vulto pequenino do pae, todo tremulo, muito pallido, com os olhos esbugalhados.

Bertha estremeceu. Quiz-se desculpar,—que não sabia que o pae tinha aquelles cravos em tanta estimação, mas que não tornaria, que a desculpasse...

O velho, entretanto, não perdoou.

Não podia desculpar que lhe arrancassem os seus queridos cravos.

Durante todo o dia não disse uma palavra á filha.

Ella, coitadinha, muito fraca, muito nervosa, incommodára-se muito com aquillo tudo.

E de noite, não podéra dormir, doera-lhe a cabeça, passára muito mal.

*

Quando Bertha acabou de me contar tudo isto, fiz-lhe sentir que me amargurava muito a ideia de ser eu o causador d'aquellas zangas.

Conversámos ainda um grande bocado e, finalmente, apartámos-nos muito tristes, cheios de magoa.

*

Dois dias depois, Bertha cahiu de cama.

As dores de cabeça continuaram, veio a febre e uma pallidez de morte apagou-lhe o tom de rosa do seu perfil delicioso.

O medico não gostou de a ver.

Entretanto, o velho fidalgo começou a apoquentar-se, tanto mais que tinha um certo remorso de ter contribuido para a doença da filha.

De vez em quando, iam-no encontrar n'uma prostração d'imbecil, dizendo consigo mesmo:

—Os cravos! os cravos!

*

O estado de Bertha, foi-se complicando.

Uma noite, ás nove horas, senti bater á porta. Era um creado do fidalgo que me vinha chamar.

Vesti-me, á pressa, e fui.

A' porta, esperava-me o Morgado, com as feições transtornadas, o cabello revoltado.

Apenas senti a minha mão cahiu-me nos braços, a chorar, convulsamente, como um doido,

Compreendi tudo.

Bertha estava perdida.

Entrámos do seu quarto.

No travesseiro, via-se a cabeçita de Bertha, muito descordada, muito branca.

Os olhos meio fechados, os bracinhos fóra da roupa, a pobre pequenina dizia palavras sem sentido, sem nexo.

Apenas me viu, arregalou muito os olhos azues e soltou um grito estridente, suffocado.

O velho chorava a um canto da alcôva.

Quando passou o delirio, approximei-me de Bertha.

Beijeilhe as mãos, muito commovido.

E a pobre creança olhou-me demoradamente, com duas lagrimasinhas a escorrerem-lhe dos olhos.

Era meia noite.

A doente parecia melhor e, por isso, retirei-me, mas no outro dia pela manhã vieram-me participar a morte de Bertha.

*

Hoje, a minha bem-amada descança n'um pequeno jazigo de pedra com uma cruz no alto e um cypreste ao lado.

O velho terraço, tão florido n'outros tempos, já não parece o mesmo, já não tem cravos, nem rosas, nem geranios: reflexo do antigo esplendor, veem-se apenas alguns vasos partidos...

E, altas horas da noite, quando a lua amarellece por cima do pinhal, no terraço, no velho terraço apeteçido, vé-se um pequeno vulto, muito negro.

E' o morgado, que diz continuamente:

—Os cravos! os cravos!

EUGENIO DE CASTRO.

A ESPERANÇA

Nós temos illusões, sonhos doirados,
Tão fechados no peito, e tantos, tantos!
Que inda que os nossos olhos chovam prantos,
Nunca serão de choros inundados.

Que bradem alto os vicios indignados;
Destruam quanto ha bello e puro e santo:

—A vida é um grande mar, mar sacrosanto
Cuja praia é futuro ao naufragado.

E n'ella vem bater o grave Oceano,
Ou com a branca timidez da esp'rança,
Ou co'a vaga cruel do desengano.

Não percamos de todo a confiança:
Passa uma onda, um anno e outro anno,
E temos illusões, como em criança.

MARIA DO VAL.

CONSTANTINO, O REI DOS FLORISTAS

III

Este ultimo artigo tem de ser profundamente triste, porque tem de narrar o naufragio completo de uma gloria, que chegara a ser tão brilhante. Constantino pensou em descançar das suas fadigas na sua terra natal, e em gosar aqui a reputação tão legitimamente adquirida, os rendimentos tão laboriosamente grangeados. Não lh'o consentio a caprichosa fortuna.

Os seus successores faltaram ao contracto que tinham feito com elle, ou contestaram a sua validade; levantaram emfim quaesquer duvidas, que o obrigaram a deixar Portugal, a regressar a Paris e a pôr-se de novo á testa da sua fabrica. Mas parecia que o encanto estava quabrado; o successo d'outr'ora não voltou.

Porque? Perdera o grande artista a sua portentosa habilidade? Não, mas começou-se então a dar um facto que hoje se accentua de um modo notavel. A flor artificial passou de moda. Hoje quasi que desapareceu. Não deve concorrer pouco para isso a facilidade das communicações.

Outr'ora, para se apparecer n'um baile com flores naturaes, era necessario que as houvesse nas terras onde se vivia, e que as houvesse com abundancia bastante para satisfazer todas as reclamações. Hoje, porém, o caminho de ferro suprime as distancias.

Entre nós, por exemplo, quando não chegam para o consumo as rosas de Lisboa e as moitas de camelias de Cintra, expede-se um telegramma para o Porto e n'essa mesma noite chegam ahi wagons carregados com essas formosas camelias do Norte, eulentas e viçosissimas.

De mais Constantino, ia agora trabalhar sem gosto, sem o enthusiasmo que o animára no principio da sua carreira. Achara-se na situação em que se vira Walter Scott nos ultimos annos da sua vida. A fallencia do seu editor obrigára o grande romancista a pôr-se de novo ao trabalho quando chegara á idade de descançar. Que tristes livros são esses que elle escreveu para se desempenhar de tão sagrados compromissos! Ha ainda alguns volumes excellentes, mas a pouco e pouco vai a seiva faltando, e chega-se emfim áquelle desgraçado *Conde Roberto de Paris*, o mais singular documento da decadencia de um grande espirito que pode apresentar-se.

Assim aconteceu provavelmente com o nosso eminente florista. Despediu-se com o coração dilacerado da sua patria onde esperára passar socegradamente os ultimos dias da sua vida, e tanto ambicionava esta suprema ventura que, ainda á hora da partida, acariciára a idéa de poder transportar para Lisboa a sua fabrica, já que elle não podia vir senão trazendo comsigo o seu trabalho.

Essa idéa, que chegou a exprimir, e que importava a nacionalisação da sua industria, consistia em lhe enviarem para Paris uns poucos de orphãos de ambos os sexos que se iriam adestrando na sua arte. Logo que tivesse operarios portuguezes habéis, em numero sufficiente para poder dispensar os operarios francezes, transportaria a sua fabrica para Lisboa e de Lisboa satisfaria as encomendas de França e do mundo inteiro.

N'esse ponto illudia-se completamente o amor-proprio do grande artista. O seu publico abandonal-o-hia em grande parte logo que faltasse ás suas obras primas a marca de Paris. Muitos, os entendidos, os verdadeiros apreciadores se lhe conservariam fieis, é claro, mas a massa do publico, aquelles que se regulam pelos caprichos da moda, logo que as flores de Constantino deixassem de ser «artigos de Paris», deixariam de as ter na mesma conta em que as tinham d'antes. Era em todo o caso uma idéa altamente patriótica, e digna d'aquelle nobre coração, em que ardeu com tanta intensidade o amor da terra natal.

Constantino, porém, partiu para Paris com tristes presentimentos. O seu sonho dissipara-se em fumo. Ainda n'um jantar de despedida que lhe foi dado, o nosso grande actor Rosa, ha pouco tempo fallecido, lhe offereceu um retrato que d'elle fizera e que foi mandado lithographar. O grande actor era ao mesmo tempo um cultor exímio das artes do desenho. Constantino agradeceu muito commovido e prometeu voltar em breve.

Nunca mais veio. Ainda em 1855 figurou com brilho na exposição de Paris, ainda recebeu homenagens da admiração franceza, e tenho presente n'este momento uma d'ellas, de que se fez interprete o sr. Cascaes, e que vejo com surpresa que falta no seu livro. Pois não teve razão para a desdenhar, porque a traducção d'essa poesia franceza é uma das suas poesias mais correctas.

A poesia a que nos referimos, era escripta por F. Campadelli, e o sr. Cascaes traduziu-a da seguinte forma:

Nos mil aspectos seus a arte é divina,
Purpureo, immenso espaço é-lhe horisonte
Que luz, brilha, allumia em toda a parte,
E' do sol aurea fronte.

Traja á porfia seductoras formas
Aqui nas côres de immortaes pinceis,
Vê-a se ostenta em primorosas telas
Em egregios paineis.

Lá nos mil sons dos instrumentos varios
Da voz humana em divinal canção,
Um mundo de harmonias gera, cria
De maga afinação.

Em objectos sem fim pompeia, falla
Ao ver, ouvir, a todos os sentidos
Sob a mão que a conduz, e alma que a anima
Tem encantos subidos.

Tu, Constantino, ás margens rescendentes
Ao céu fragrante, á região das flores
Diversas animadas flores céste
Novos, gratos olores.

N'esse mundo attractivo de mil graças
De luz, de côres, de belleza infinda,
Tu nos dás, sem cessar, creações novas
E qual a qual mais linda.

Em teus dedos subtis, vigílias tuas
Segredos seus a natureza falla
E as raras maravilhas que te ensina
Aos indiscretos cala.

Por arte a natureza, e flor por obra,
D'estufa, de jardim, a flor do prado,
Do sol producto, ou do labor humano
Tudo has multiplicado.

Em creações taes, producto do teu genio
Mede-se inteira a escala da belleza;
Cortejo á perfeição allí é tudo
E' a propria natureza.

E's artista, e o primeiro que nos déste
Por entre assombro nosso e rendimento
Obras de Deus em teu cuidado soltas
Com tanto sentimento.

Enganas os sentidos, a alma hesita
Na escolha de mil flor's em confusão
Por não saber quaes deve ao Omnipotente
E quaes á tua mão.

Esta poesia veio publicada no numero do *Panorama* de 22 de novembro de 1855. Ve se que a ode original fôra inspirada a Campadelli pelos triumphos de Constantino na exposição de 1855; foram os ultimos.

Cançado e enfatiado, resolvido a todo o momento a abandonar a sua lida, em vez de trespassar a fabrica parece que fez com os successores um contracto pelo qual lhe ficavam dando uma parte dos lucros. Não bastava isso para que pudesse recolher-se á sua patria, mas comprou uma casa em Tercis, no cantão de Dax, departamento das Landes, na região pyrenaica da França. Approximava-se o mais possivel da sua querida patria.

Então o seu nome desapareceu completamente da memoria dos homens e sobretudo da memoria dos portuguezes. Os homens da minha geração não sabem que foram contemporaneos de Constantino, imaginam que era uma gloria passada, um vulto quasi legendario. E comtudo, Constantino vivia, esquecido primeiro, e empobrecido depois pelos acontecimentos. A arte de Constantino era ephemera, como as proprias flores que imitava. Se as rosas vivem *l'espace d'un matin*, as flores que as imitam vivem mezes apenas. Constantino foi esquecido, e a muito custo o sr. Cascaes pôde obter as informações que constam da seguinte carta:

«Tercis, 11 de junho de 1884.

Ao sr. maire da cidade de Dax

«Em resposta á sua carta, apresso-me a enviar-lhe os esclarecimentos seguintes: O sr. Constantino viera fixar a sua residencia em Tercis em 1864, n'uma casa que arrendára a longo praso, e organisára o seu viver n'um pé que devia exigir avultada despeza. Em 1870, o seu successor, a quem vendera a sua casa em Paris, não lhe dava já, em vista dos acontecimentos d'essa epoca, senão uma pequena renda annual de 4000 francos (220.000 rs.); por isso pôde-se suppor que a situação apertada em que pareceu



O TUMULO DO PAPA PIO IX

viver d'essa epoca em diante lhe não permittia fazer economias. Morreu em Tercis a 14 de janeiro de 1873, e foi enterrado no cemiterio da communa, apesar de ter exprimido muitas vezes o desejo de ser enterrado na sua terra natal (Moncorvo) em Portugal. O seu afilhado, o sr. José Domingues, dono de uma hospedaria na rua Rossini em Paris, parece ter sido o seu herdeiro universal, e foi por sua conta que se vendeu em hasta publica a rica mobilia do sr. Constantino, por intermedio do escrivão do juiz de paz em Dax. Aceite, sr. maire, o testemunho da minha distincta consideração. O maire de Tercis-Ferry.»

Assim morreu, obscuro e pobre, o grande artista portuguez. Foi necessaria a paciente amisade e o patriotico empenho do sr. Cascaes para descobrir (em pleno seculo XIX!) a terra onde jazem os ossos de um homem, que em Paris foi proclamado o primeiro do mundo na sua arte, o homem cujos methodos são ainda hoje os que se empregam na arte de florista, o homem que inventou cores ainda hoje conhecidas pelo seu nome, como é por exemplo o carmim Constantino. Mas teve a desgraça de ser portuguez. Dorme ha quatorze annos n'esse pobre cemiterio francez, sem que o seu herdeiro seja compellido ao menos a cumprir a sua vontade ultima. E verão que, mesmo depois dos esforços do meu velho amigo Cascaes, a que junto agora os meus, não haverá em Moncorvo quem se lembre de mandar buscar ao cemiterio de Tercis os ossos do seu glorioso, filho que tanto desejou dormir na sua terra transmontana.

PINHEIRO CHAGAS.

TIC... TAC...

(CONTO DE D. PEDRO DE ALARCON)

Arthur de Miracielos (um rapaz muito formoso, mas que não tinha officio nem beneficio), conseguiu certa noite, à força de rogos, ficar em casa de uma amiga sua, não menos formosa que elle, chamada Mathilde Entrambasaguas, que praticava d'estas e outras proezas na ausencia do esposo, querendo assim provar que o pobre conjuge tinha alguma coisa de animal feroz:..

Mas, eis que n'esta noite, ahi por volta da uma, ouviram-se fortes pancadas na unica porta que dava ingresso à alcova de Mathilde, acompanhadas d'um voseirão espantoso que gritava:

—Abra, senhora!

—Meu marido, tartamudeou a pobre mulher.

—D. José, balbuciou Arthur, pois não me disseste que não vinha?

—O peor não é que venha, respondeu ella affastando da testa os bellos cabellos negros, mas é que não ha fórma de fazer-lhe crer que estás aqui innocentemente.

—Pois filha, salva-me, replicou Arthur, o primeiro é o primeiro.

—Abre! proseguiu gritando D. José, a quem o porteiro tinha communicado que a senhora dava n'aquella noite pousada a um peregrino.

Este D. José, para descanso dos leitores e da sua curiosidade, basta que se saiba que era um marido feio.

—Esconde-te ahi, disse Mathilde a Arthur, indicando-lhe um d'aquelles antigos relógios de parede, de comprida pendula, que pareciam caixões postos ao alto.

—Abre, pombinha! berrava no entanto o marido, fazendo esforços para arrombar a porta.

—Jesus, homem, que pressa trazes, deixa-ma sequer vestir a bata.

A este tempo já Arthur se tinha mettido na caixa do relógio, reduzindo-se quasi a metade do seu volume ordinario.

Como é de de suppor, aquelle corpo estranho com que o relojoeiro não tinha contado ao construir a sua obra, impedio os pesos de funcionarem, assim como a oscillação da pendula, parando por tanto a machina.

—Não pares o relógio, desgraçado, exclamou Mathilde. Se o paras perdes-te a ti e a mim. Meu marido não pôde conciliar o somno senão ao ruido d'esse relógio ou de outro equal, que tem na sua alcova; e reconhecendo que o meu está parado, tratará de dar-lhe corda e encontrar-se-ha contigo.

E dito isto, deitou a chave na caixa da pendula.

Na sua furia, D. José tinha conseguido forçar a fechadura, e entrou na alcova deitando fogo pelos olhos.

—Onde está? berrou d'uma maneira indiscriptivel.

—Que buscas, José? interrogou a mulher com a maior serenidade. Perdeste alguma cousa?

—Perdi a honra, respondeu elle, espreitando debaixo da cama.

—Desgraçado! e julgas encontral-a ahi?

N'aquelle tempo não havia em Sevilha mes's de cabeceira, porque sen pre é bem dizer que a scena passa-se em Sevilha.

—Onde esta? Onde está o ilfame, continuava elle gritando

indignado. Em quanto ao relógio... o relógio marchava perfeitamente, como se não tivesse cousa a mais dentro de si. Isto é, a pendula tangia serenamente, como se oscilasse no vazio.

Tic... tac..., Tic... tac..., Tic... tac..., ouvia-se lá dentro.

Não se lembrou pois D. José, nem por sombras, de revistar o interior do relógio.

E como em nenhum outro sitio encontrasse pessoa alguma, o nosso furioso marido cahio de joelhos diante da esposa, cuja indignação, eloquencia e colera iam tomando voo, e disse-lhe:

—Perdoa, Mathilde. Fui enganado pelo miseravel porteiro, que sem duvida estava bebado. A'manhã despeço-o. Cré pois que o meu amor, o meu renovado amor te demonstrará quanto arrependido estou de haver duvidado da tua innocencia.

Mathilde fez esforços inauditos para não haver paz entre ambos, queixou-se do occorrido, protestou, chorou, insultou o marido, porém este respondia a tudo:

—Tens razão... tens razão... Sou uma fera.

E voltou a fechar a porta que forçara, guardou a chave e tomou logar, como lhe assistia de direito, no leito conjugal, exclamando como um bemaventurado.

—Vamos, mulher, deita-te, não sejas tontinha!

Da madrugada D. José, acordou bruscamente e disse em voz baixa:

—Dormes, Mathilde?

—Não; estou acordada.

—Dize-me, será illusão minha ou o relógio parou?

Tic... tac..., Tic... tac..., Tic... tac... resou ao mesmo tempo dentro da caixa.

E' illusão tua, respondeu a mulher; não o ouves a trabalhar?

E' verdade, respondeu D. José; porém o que não é illusão, é que te adoro mais do que nunca, e que me não canso de t'o repetir esta noite...

*

Um anno depois, havia, n'um hospital de doidos de Toledo, um joven muito formoso, cuja loucura consistia em imaginar que era um relógio de parede, e estar sempre imitando o ruido da pendula por meio de um estalido com a lingua no ceu da boca, até produzir este ruido Tic... tac..., Tic... tac..., Tic... tac...

E dizem que era admiravel a perfeição com que imitava o ruido do scapo batendo na dentadura da roda. Este pobre monomaniaco era Arthur de Miracielos.

Trad.

ALFREDO GALLIS.

DE PARIS A TROUVILLE

... No dia 16 de junho, ao almoço, quatro dias antes de me separar, talvez para sempre, do meu querido Paris, madame de Rute, infatigavel no seu amavel empenho de fazer-me de cada um dos dias que alli passei uma surpresa e de cada uma das horas um encanto, convidou-me para irmos ambas n'aquella tarde a Trouville.

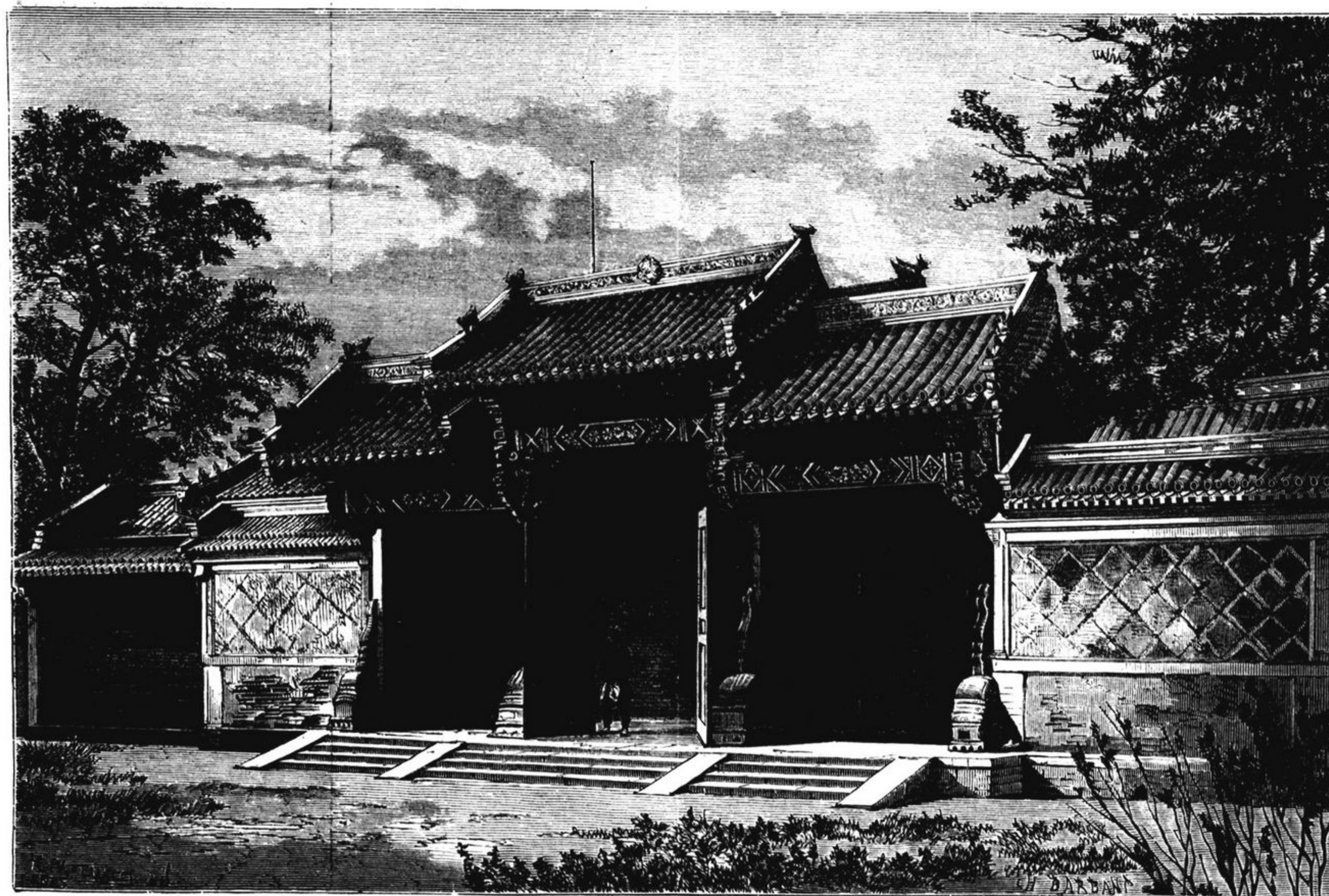
Afagando com enlevo a deliciosa perspectiva de ir ver a risonha Normandia, engastada nas suas campinas de esmeraldas e nos seus rios de saphira, mas não desejando faltar aos cento e um compromissos que tem cada um dos laboriosos dias de Paris, perguntei a madame de Rute a que hora deveriamos partir e a que hora poderiamos chegar.

Sube então que a nossa partida seria às 6 e 50, pela gare de S. Lazaro, e que duas horas depois eu teria a suprema dita de pisar as célebres e um pouco declivosas *planches* de uma das mais chics entre as mais caras praias do littoral da França.

Uma viagem sinha rapida como um vôo de andorinha, paisagens novas recortando-se em relvas de velludo e riachos de crystal, lavadas da balsamica e temperada viração de uma tarde de junho, horisontes surgindo imprevisamente em pequenas telas luminosas, emmolduradas em verduras orvalhadas e sombras murmuradas, ou abrindo-se em largas clareiras batidas do luar, entrevistas na allucinadora galopada de um expresso em França: um praser dos deuses, um dos raros que nos reconciliam com o vil barro da nossa pobre e misera condição humana!

Encaminhei-me alegremente para o *magasin* do Louvre, onde fui comprar um chapéu redondo, um *cache-poussière*, umas luvas de Suéde e um *nécessaire*, isto é, os quatro rudimentares accessorios de uma *touriste*... feita á pressa!

Paris não exerceu em mim, no espaço de tempo que medeou



PALACIO DA LEGAÇÃO FRANCEZA EM PEKIN
(PORTA DO PATEO PRINCIPAL)

entre o almoço e a gare de S. Lazaro, a sua habitual seducção; os *boulevards*, os meus predilectos, os vibrantes e pittorescos *boulevards*, não me pareceram tão bonitos, e as minhas amigas parisienses, Peyrebrune, Delaville, Gagneur, que fui ver de relance, pareceram-me n'esse dia muito menos interessantes.

A Normandia, Trouville, a surpresa da viagem, o encanto de partir para o imprevisito, trotavam-me na cabeça.

A's 6 horas e 40 entravamos na gare, o comboyo deu o signal, os empregados, muito attentivos, muito correctos nos seus fardamentos de uma nitidez irreprehensivel, vieram fechar as portinholas dos *wagons*; o comboyo estremeceu, sentindo cravar-se-lhe no flanco o esporão da machina, hesitou um segundo, como que para tomar folego, em seguida partiu á desfilada, em uma corrida doida, agitando no espaço a sua cabelleira branca, que o vento desgrenhava.

Os meus olhos abriam-se desmedidamente, avidos de novos aspectos, de impressões novas, das maravilhosas e successivas mutações que a minha insofrida expectativa estivera phantasiando desde pela manhã.

As macieiras, sobre tudo as macieiras da Normandia, celebradas nas operas comicas, descriptas nos romances, cantadas pelos poetas, ostentando as suas coroas brancas ligeiramente coralineas no alto das folhagens gotejantes de seiva, ou vergando ao peso das maçãs cõr de oiro, mosqueadas de pintas vermelhas, das bellas maçãs farinhentas, polpudas e brancas por dentro como um fino creme de leite...

Eu queria por força as macieiras, não comprehendia a Normandia sem o lendario pomo, descendente em linha recta do outro que tanto amargou á gulosa Eva e ao pusillanime Adão.

Mas as macieiras teimavam em não apparecer, e no céu encarvoado, encarneirado de nuvens cinzentas, começou a desdobrar-se um veu de neblina, que acabou de condensar a escuridão da noite.

A's 8 horas, a hora em que a minha distraida companhia me asseverara que chegaríamos a Trouville, saímos nós do nosso wagon para tomarmos outro que deveria, segundo nos affirmaram, conduzir-nos directamente pela linha de oeste.

Uma chuva miudinha, tic-tac, que caia subtilmente quando nos apeámos, engrossou do repente e fez-se aguaceiro torrenioso.

Madame de Rute, que como se sabe, é myope, encostava-se ao meu braço para não cair e perguntava-me, candidamente, onde estavamos e a que hora afinal aportariamos por aquella noute tragica a Trouville, que principiava a afigurar-se-me um prazer muito mais de mortaes do que de deuses.

Como é de suppôr, eu sabia um pouco menos do que ella onde me achava, para onde ia e que mysteriosas surpresas nos reservava essa densa treva, onde os relampagos começavam, áquella hora, a queimar os seus caprichosos fogos de bengala.

O comboyo seguiu, galgando o espaço, fustigado pela chuva e vergastado pelo vento que ululava nas grandes massas do arvoredo, correndo ao longe e perdendo-se na vastidão do espaço.

Pela portinhola, eu via apenas o fumo da machina que me cegava, a chuva que me batia na cara insolentemente, sem se importar para nada com a feroz descortezia em que se permitia estragar uma das serenas e transparentes noutes do mez de junho, o nosso poetico mez do Santo Antonio, do S. João, das alcachofras symbolicas e do bochecho ingenuo.

A' 1 hora da noute, o comboyo depunha-nos em Trouville, e o chefe da estação informava, por entre as suggestões do somno, que só no mez de agosto havia o expresso, o sonhado expresso de uma velocidade de duas horas, que deveria conduzir-nos, como madame de Rute acreditara, em um arremessar de flecha, sem baldações incommodas e sem paragens interminaveis.

Hélas! a advertencia chegara quando era inteiramente superflua.

Depois do duche da chuva e do terror da noute apocalyptica, povoada de visões sinistras, com um sabbá de sombras demoniacas, agitando-se convulsivamente em uma sarabanda infrene, o unico refugio que se antolhava ao nosso desastre era a cama. Foi pois á cama que confiámos a missão de afugentar um defluxo eminente e de dissipar, no calmante do somno, o nosso mau humos de *touristes*... logradas!

Um bom sol vitalisante e quente, tamisado pelas cortinas da janella, entrando em raios obliquos pelas frinchas das portas, veio pôr-me no travesseiro, ás 8 horas da manhã, o seu *bon jour* effusivo.

Levantei-me á pressa, corri á janella, abri-a de par em par e parei deslumbrada.

O mar azul, de um profundo azul luminoso e diaphano, desdobrava na areia dourada uma florescencia de espuma delicada e branca como um desabrochamento de lyrios. Na praia, lustrosa e espelhante como o *parquet* encerado de uma sala de baile, barracas de lona franjadas de escarlata palpitavam docemente na viração matinal, como enormes borboletas. *Bébés* de cabellos soltos, doirando-se ao sol, rebojavam na areia, seguidos de perto pelas *bonnes* de touca branca e grande laço de fita escarlata.

Um homem de turbante de cambrá, assentado em uma cadeira á *plisset*, assistava para o mar um grande oculto.

Das barracas saiam tres gentis labistas, agitando á calca os *paillissons*, rindo-se alegremente para um grupo de *co-purchics*, que cumprimentavam unindo os pés e curvando em arco o busto, premido em jaquetão de xadrezes.

Nos longes vaporizados, ondulando em uma suave tinta opalina, esboçavam-se os mastros de um yacht. Um barco, semelhante a uma moleta, vinha aoproando á praia, riscando na agua immovel um largo sulco de espuma. O vapor que reboca os catraios dos pescadores de camarões, balouçava-se no dorso azul das vagas.

E por todos os lados, os jardins abriam ao sol, como um leque de Watteau, os seus canteiros efflorescentes, abobadavam de cupulas de rosas os chalets recortados em renda, enlaçavam-se em trepadeiras que serpejavam na vertigem allucinadora da seiva, subindo pelas janellas das *villas*, marinhando pelas fachadas dos *chateaux*, soltando-se em festões dos portaes de marmore brazonado, rolando em ondas de verdura, em niagaras de flores e explosindo, como uma descarga de petalas multicores, até á praia, onde a espuma alvissima das ondas vinha beijal-as pudicamente, desdobrando-lhe aos pés o seu tapete de arminho,

Todos os tormentos da vespera fundiram-se n'esse banho de sol e de azul.

Bella, risonha e florida Normandia, eu te saudol e comprehendendo agora a phantasia do parisiense *boulevardier*, inseparavel do seu Club, que parte todas as noites para Trouville ou Deauville, para tomar o seu banho todas as manhãs, regressando em seguida a Paris, para ahi jantar todas as tardes no Café Inglez, ou na *Maison d'or*.

Ao almoço, na ampla sala do Hotel de Paris, todo cercado de jardins hilariantes nos seus arbustos esmeraldinos, salpicados de uma chuva de rosas, truxeram-nos os preciosos e saborosissimos camarões de Trouville, acabados de pescar, uns pequeninos camarões cinzentos e encarnados, que as divindades mythologicas, se baixassem do Olympo a Trouville para comel-os, prefeririam sem duvida á sua divina ambrosia.

Depois do almoço, um amavel sujeito baixo e gordo, de chapéo de côco e cara jocunda, um dos muitos que accumula com o officio de *ciceroni* o de inculcador de casas e intermediario de alugueis, que elle salga o mais que pôde, servindo ao mesmo tempo os seus interesses de corretor e os do proprietario, propoz acompanhar-nos e elucidar-nos.

Madame de Rute queria alugar casa para os mezes de julho e agosto, os mezes em que a alta roda das graudes mundanas e a roda gyrante das Phrynés de Montmartre, vão *bruler les planches*, como lá se diz.

Delicioso e inolvidavel passeio esse, apenas prejudicado em parte, no seu poetico encanto, pelo prozaico tercetto que nos fazia o homem do chapéo de côco.

Divagámos, subindo e descendo, pelas flexuosas ruas areas, bordadas de *gazon*, que serpenteiam em meandros e zigues zagues, contorneando os chalets de tijolos rubros com stores verdes e telhados de ardosia, faiscando ao sol, circumvagando pelo meio das *villas*, dos *chateaux*, das abbasias seculo XIII e XIV, das torres, como a soberba torre Malakoff, batida das ondas, desenhando no cariz do céu a sua fantasiosa architectura oriental, abrindo para o mar as suas filigranadas janellas, cortadas em setteira, a torre alugada por madame de Rute pela miseria de um conto e quinhentos, uma *torre eburnea* que foi para mim o supplicio tantalico!

Por aquelle tempo, a cabeça de Medusa do cholera espreitava na fronteira, e nem a torre Malakoff, cujo *boudoir* de setim e rendas guardava ainda o subtil perfume aristocratico da princeza de Sagan, sua ultima inquilina, onde me convidavam amavelmente a rezidir dois mezes, nem Aix e o chalet de Solms, para onde tambem me sollicitavam, nem o paraizo com as suas legiões de anjos, conseguiriam arrancar-me ao dever sagrado e ao cuidado angustioso que em Portugal chamavam por mim.

Trouville exigiria um livro, para ser convenientemente apreciado, e eu dedico-lhe uma modesta chronica de jornal, sem previa ccordenação de carteira, reflectindo apenas a incompleta, embora indelevel, impressão de um momento, esbatida em parte na penumbra de dois annos.

Cada uma d'essas feericas *villas*, encastelladas nas dunas, enliadas em bambolins de flores, ou pousando na fimbria da onda, como um passaro que vae molhar as plumas das azas, tinha direito a um poema, e eu dou-lhe apenas uma phrase banalmente incaracteristica! «Ville des flots», «Ville Amelie», propriedade do marechal duque d'Uzés, «Ville Montbells», pertencente ao conde a condessa de Roydiville, «Ville Lamartine», habitada por mr. Martin, «Maison Raimondy», propriedade do sr. Rombardt, «Ville Dossmont», que tem o nome do seu feliz possuidor, «Villa Fidés Devriés», um templosinho de marmore de Paros embuscado em um reducto de rosas brancas, exhalando dos calices orvalhados uma fragrancia amorosa, e como que murmurando, no ciciar das folhudas trepadeiras, a ballada de Ophelia...

A's 4 horas da tarde estavamos em Lisieux, a primeira estação a caminho para Paris, e eu atirava de longe um saudoso beijo platónico a Trouville-tantalo que ficava no seu nimbo radioso, enquanto eu regressava ao meu destino obscuro.

AS NOSSAS GRAVURAS

CONDE DE CASAL RIBEIRO

José Maria do Casal Ribeiro, conselheiro d'estado, ministro honorario, par do reino, commendador e grã-cruz de varias ordens, e, actualmente, nosso ministro em Madrid, nasceu de paes illustres, no mez d'abril de 1825, em Lisboa, onde recebeu as primeiras lições da escola e do mundo.

A sua intelligencia privilegiada, acolhendo-as com desvelada sollicitude, não podia deixar de entremostrear á sociedade o quanto a patria tinha a esperar d'aquelle espirito enriquecido pela natureza, que se ostentara logo robusto e vigoroso, desvendando em feliz horoscopo um esplendido porvir de gloria.

Entrando na Universidade de Coimbra em 1843, Casal Ribeiro era já ali precedido de boa fama, e logo as affeições dos academicos se lhe consagraram espontaneas, não se enganando a opinião nas apreciações feitas, nem tendo o corpo academico que arrepende-se das considerações de estima tributadas ao alto engenho que soltara o seu vôo audacioso pelas regiões das sciencias, que era chamado a cultivar. Ninguem conquistou n'aquella época maior admiração do corpo docente, nem maiores e melhores relações entre os camaradas de estudo. José Maria do Casal Ribeiro era igualmente estimado por todos.

Homem de trato ameno e facil, não tardou muito que não o cercasse a popularidade, tão facil de grangear entre os moços condiscipulos e collegas que admiraram aquelle espirito elevadissimo, inspirado pelas mais puras aspirações a que pôde mirar o talento.

Casal Ribeiro, já notavel na sua esplendida juventude, havia inspirado tal confiança aos homens que sentiam pu'sar valentes os corações pela realização das novas idéas, e que eram n'aquelles tempos os apóstolos do progresso, que foi por elles chamado a fazer parte da junta governativa de Coimbra na revolta de 1846.

Entrou Casal Ribeiro n'essa lucta travada no paiz, soffrendo todas as consequencias d'ella com a coragem e o convencimento do homem que vae caminho do futuro, e que não vé nem se importa com os obstaculos senão para os derribar e vencer.

O nosso academico concluiu a formatura em 1848, voltando á sua terra natal com o seu diploma cheio de distincções.

Encontrando-se no meio dos homens de letras com uma reputação já formada, o seu talento não vinha fazer ensaios nos sa-raus litterarios e pedir ás notabilidades da época protecção e agasalho; vinha com pergaminhos ganhos no campo das sciencias, impondo a sua fidalguia litteraria o respeito aos que o conheciam, e a amisade aos que tinham a dita de o abraçar.

Um homem com tão elevados dotes não pôde dominar o espirito, para o abater, e amesquinhar, até ao vicio da ociosidade, entregando-o apenas aos folguedos e descuidanças de cada dia.

Casal Ribeiro pensava menos nas riquezas da fortuna, nos gosos da opulencia, do que nas apreciações mais puras da sua alma sempre aquecida pelo amor da gloria e pelos desejos de ser util ao seu paiz.

Foi dominado de taes sentimentos que entrou no campo politico como jornalista. E quem conservar as collecções do jornal a *Civilização* pôde verificar ainda hoje qual a belleza da phrase e o vigor da argumentação com que elle sabia entrar nas questões mais importantes.

Casal Ribeiro, admirado e estimado pelos primeiros jornalistas e homens politicos d'aquelle tempo, teve facil ingresso na camara electiva em 1852.

A historia parlamentar d'este illustre estadista é contemporanea, e está na memoria de todos.

Se a palavra, no começo da sua carreira publica, não lhe era tão fluente como hoje, a locução era sempre correcta e elegante, o periodo arredondado, e a imagem admiravel de propriedade; e os preitos e homenagens vieram espontaneos de todos os lados da camara, saudar o orador que se tornou notavel n'aquellas épocas em que estavam no parlamento vultos de primeira plana, como José Estevam, Garrett, Manuel Passos, Rebello da Silva, Fontes Pereira de Mello, marquez d'Avila, Mendes Leal, Serpa, Ferrão, Sotto Maior, Corvo, Caldeira, Sampaio, Thomaz de Carvalho, e muitos outros, cujos nomes a historia registra com orgulho.

As finanças mereceram os principaes cuidados do illustre e joven estadista, que, dedicando-se a este estudo especial, poude, quando chamado aos conselhos da corôa, apresentar um systema financeiro que daria nome a quem o não tivesse. Os parlamentos d'essa época apreciaram as medidas propostas, e o auctor d'ellas tomou um lugar distincto ao lado dos econmists. A politica, porém, que muitas vezes deixa de respeitar as grandes concepções, as beneficas medidas, os fructos de longa meditação, aproveitou o asado ensejo pcndo em acção todas as intrigas, que podia trammar, para que o contribuinte, sempre avesso ao imposto, não aceitasse bem o que as circumstancias imperiosas demandavam;

e os agitadores, que de tempos a tempos apparecem para flagello das sociedades, sempre pouco inclinados a tributar homenagem ao reconhecido merito, vieram promptos exercer a sua influencia nociva.

Casal Ribeiro, conscio dos serviços prestados, que a corrente de uma opinião mal dirigida tentava desconhecer, sentiu-se, menos pelo amor de si do que pelo amor do paiz, desgostoso com a marcha que as paixões politicas marcaram n'esses tempos ao correr dos negocios d'esta terra. E este desgosto (crémos nós) levou-o a buscar a tranquillidade e o afastamento da vida politica n'uma visita de recreio e de instrucção aos principaes paizes da Europa, onde foi recebido pelos homens de letras com a consideração que merecia, deixando entre elles amigos, que o respeitam e admiram.

No seu regresso do estrangeiro, encontrou nos conselhos da corôa, os seus amigos, formando a situação chamada a dirigir a governação publica pelo accordo dos dois partidos historico e regenerador, accordo feito diante da urna, e que o paiz sancionou.

A chegada do illustre estadista foi acolhida com prazer pelos homens do seu partido, e pelo monarcha, que, para testemunhar o apreço em que tinha a elevada intelligencia, o zelo e o prestimo de Casal Ribeiro, o elevou ao pariato.

Instado pelos chefes do partido, Casal Ribeiro, mais por um dever de lealdade partidaria do que por desejos proprios, entrou de novo nos conselhos da corôa, interinamente na pasta das obras publicas, e mais tarde na dos estrangeiros, mostrando ainda que era o mesmo homem de estudo, de iniciativa e de trabalho, mas não tardou que as ambições se aproveitasse dos projectos de reforma concebidos pelo governo, para com esse pretexto irem dirigindo a corrente da opinião, no sentido de despopularisar o poder.

O ministerio d'esse tempo, acatando as formulas constitucionaes, entendeu, e cremos que entendeu bem, dever antes ceder á falsa opinião, respeitando os enganos do povo, do que combatal-o com violencia.

Os acontecimentos precipitaram-se, porém os desenganos não se fizeram esperar, e o paiz, readquirindo a sua habitual serenidade, viu os destroços de um poder ephemero sustentado por uma popularidade mais ephemera ainda, e então, apoz a tempestade surgiu a bonança, sendo de novo chamado ao poder o partido da fusão. O sr. duque de Loulé convidou Casal Ribeiro a desempenhar em Paris o lugar de nosso ministro,

A escolha não podia ser mais digna, nem mais honrosa para quem a fez. Nenhum ministro viveu em França com mais distinctas e notaveis relações, nem representando o seu paiz com mais dignidade e intelligencia, não sendo mister que enumeremos os serviços prestados por Casal Ribeiro na qualidade de nosso ministro ali, porque constam elles dos registros publicos.

Os acontecimentos de 19 de maio forçaram o illustre diplomata a pedir a sua exoneração. O facto fôra tão extraordinario que os brios de qualquer homem como Casal Ribeiro só podiam inspiral o a instar com o dictador e a pedir-lhe licença para resignar um lugar de confiança.

A exoneração foi concedida, mas sua magestade o sr. D. Luiz, houve por bem galardoar Casal Ribeiro, concedendo-lhe o titulo de conde; e assim, emquanto um ministro assignava o decreto de exoneração, outro assignava o decreto conferindo a graça.

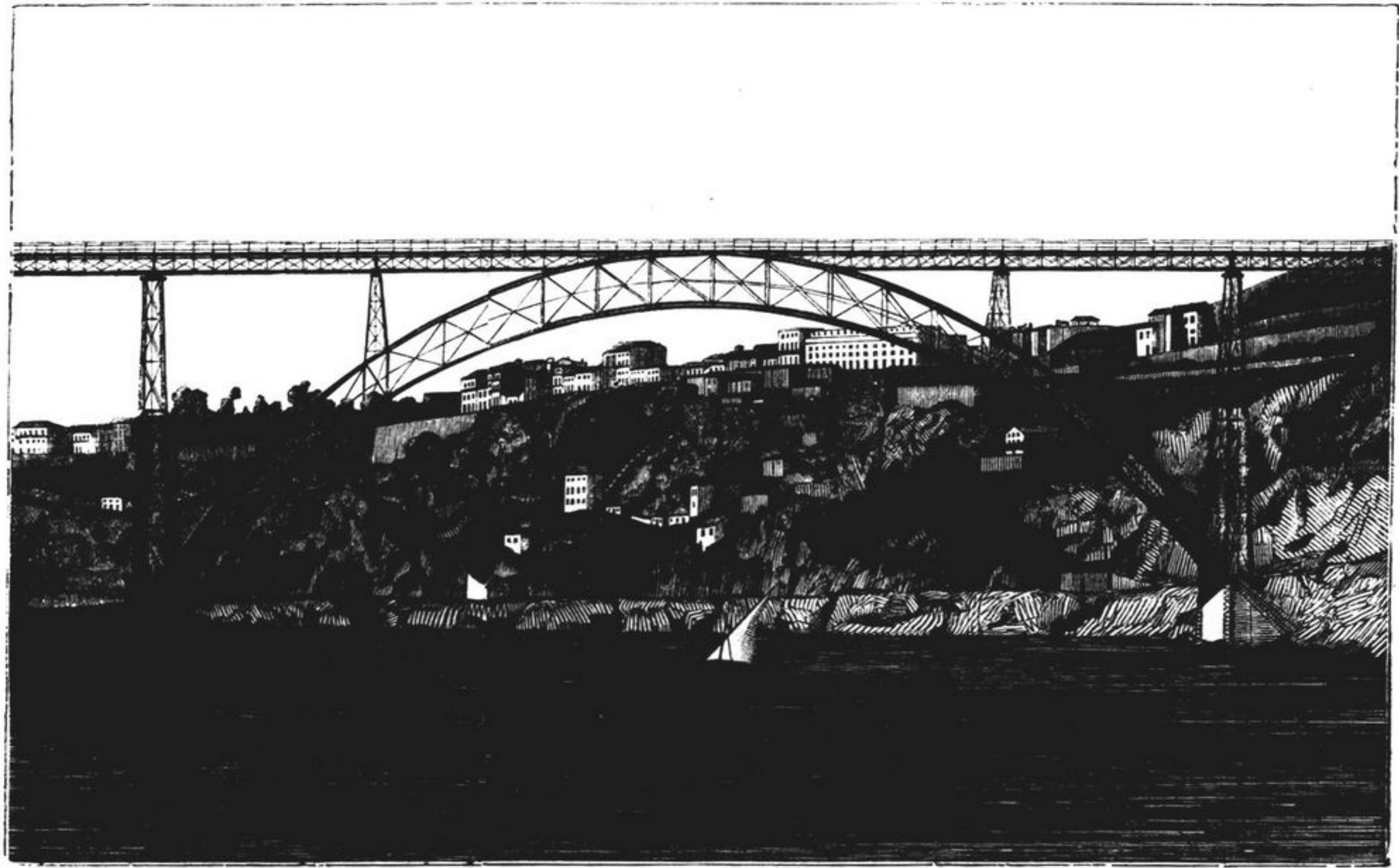
Casal Ribeiro, conquistando pelo seu muito merecimento e trabalho a elevada posição que hoje tem no paiz, é, sem questão, um dos homens que bem merece da patria, a que sempre tem servido lealmente, pondo á disposição d'ella os recursos de um robusto talento e de uma grande actividade.

O caracter de Casal Ribeiro apresenta um singular contraste de vivacidade e de doçura; as suas maneiras são distinctas sem affectação nem sobranceria, mas com aquella distincção fidalga, que é apanagio da aristocracia do talento.

Todos os que de perto o conhecem o estimam, o admiram, o respeitam; e os mais intimos sentem-se felizes por estreitar o abraço sincero da amisade com quem sabe ser tão lealmente amigo.

Do entusiasmo e devoção com que se presta sempre a obsequiar aquelles a quem consagra estima, tem sido muitas vezes recompensado com feias e abjectas ingratições, de que aquelle espirito elevadissimo se vinga generosamente, salvando ainda os ingratos, se para isso se lhe offerece ensejo, defendendo com o prestigio do seu bom nome a reputação de outros, se os vé a pique de submergirem-se na opinião publica, esquecido então dos agravos e injustiças que d'elles recebeu em recompensa de favores valiosos.

E' que o talento de Casal Ribeiro, que é muito vigoroso, que é esplendido, que ninguem contesta, a que todos prestam homenagem, que se tem provado exuberantemente em repetidas e brilhantes manifestações, ainda assim não é nada ao pé da grandeza de alma, da largueza de animo, da elevação de sentimentos, da natural generosidade de coração d'este homem privilegiado, a quem a modestia, com o seu suavissimo perfume, vem realçar ainda e simultaneamente os dotes da intelligencia e os do coração.



PONTE SOBRE O DOURO

O TUMULO DO PAPA PIO IX

O mausoleo de Pio IX é um monumento de riqueza e de arte.

Mandou-o o illustre pontífice fabricar na basilica de Santa Maria Maior, que é um dos mais sumptuosos templos de Roma.

No centro da igreja construíram um tabernaculo, sustentado por quatro columnas de bronze; debaixo do tabernaculo um altar, e á frente uma balaustrada de finissimo marmore.

Aos lados ha duas portas, que dão ingresso a uma escadaria de muitos degraus, e em fórma circular.

A parte inferior do altar, que é riquissimo, é uma especie de capella com outro altar ainda mais deslumbrante e admiravel, todo em agatha, lapis-lazulli, ouro, prata, e pedras preciosas.

Ao lado da magnifica balaustrada, está uma lapide com a inscripção—Pio IX—tendo á frente quatro pequenas columnas de alabastro oriental, transparente, de um valor inestimavel, não só pelo trabalho artistico, como igualmente pela raridade e formosura do porphido, que é de uma dureza extraordinaria.

A curva da capella inferior é composta de columnas e marmores riquissimos, mosaicos de um matiz surprehendente, da mais fina qualidade que existe na Italia.

O monumento é feito pelo estylo e fórma do mais sumptuoso, que está na basilica de S. Pedro, o de Leão X.

E' uma verdadeira maravilha de riqueza e de arte, que devia custar muitas centenas de contos de réis.

N'esse palacio esplendido, n'essa vasta crypta de ouro e marmore, sobre a qual a aza da morte espalhou o funebre silencio da eternidade, descansam as cinzas do mais austero defensor do catholicismo, de que a igreja de Christo se gloria e ufana, desde a sua fundação até aos modernos tempos.

PALACIO DA LEGAÇÃO FRANCEZA EM PEKIN

(Porta do pateo principal)

O palacio da legação franceza em Pekin, antigo palacio chamado Tsigue-kong-fou, foi cedido pelo governo chinéz á França em 1861.

Foi o capitão de engenheiros francez, Bouvier, que em 1861 começou a dirigir os trabalhos da reconstrução do palacio apropriando-o ao seu novo fim. E' a elle que se deve o esplendido portão de honra ornado com dois immensos leões de marmore, emblema principesco na China. Peões de marmore, unidos entre si por grossas cadeias, livram a frente d'esta porta dos estragos causados pelas carruagens e da proxima visinhança dos mendigos e dos negociantes ambulantes. Por esta porta de honra entra-se n'um vestibulo, e d'este passa-se por uma galeria até chegar á porta do grande pateo de honra, que communica com o jardim. Este jardim tem differentes kiosques, constituindo assim outros tantos alojamentos independentes uns dos outros.

O grande pateo de honra tem a este e a oeste dois edificios com algumas columnatas de côr vermelha formando varandas, cujo frontão, como o da porta de honra, é decorado com brilhantes pinturas. Ao norte, fechando-se este pateo, ha um grande edificio com duas grandes salas separadas por um corredor. Nas almofadas do tecto estão, sobre fundo verde e ouro, pintadas abelhas, o que, a nosso ver, nada tem de heraldico. Estas salas não estando em comunicação com parte alguma do edificio, não tiveram ainda applicação digna dos frescos com que as ornamentaram.

Ao norte do pateo de honra, ha um outro pateo, onde são os aposentos do ministro. Dão para oeste do jardim, proximo da capella da legação. Todas estas construcções são ao rez-do-chão.

PONTE SOBRE O DOURO

Esta bella ponte, uma das mais notaveis obras de arte que ha na Europa, foi inaugurada em 4 de novembro de 1877.

O seu comprimento total, incluindo os encontros, é de 368^m e o do taboleiro metalico de 354^m, 375.

Compõe-se de seis vãos, das seguintes dimensões:

1 de 160^m

3 de 37^m37

2 de 36^m,62

Os encontros, bem como os sócos dos pilares, são de cantaria. Os pilares, o grande arco e o taboleiro são de rotula de ferro forjado, de primeira qualidade.

Os sócos dos pilares do vão principal elevam-se até á altura da maior cheia que tem havido no Douro, a de 28 de dezembro de 1860, a fim de que a agua nunca possa tocar no ferro dos pilares e no arco.

As alturas da rotula de ferro dos pilares, desde os sócos de

cantaria até ao taboleiro, são as seguintes, a contar de Villa Nova para o porto.

Pil. n.º 1—15^m,135

Pil. n.º 2 - 35^m,985

Pil. n.º 3—42^m,935

Pil. n.º 4 - 42^m,935

Pil. n.º 5—55^m,985

O grande arco que atravessa o rio tem 160^m,0 de abertura, é formado de rotula de ferro forjado, tendo o fecho 10^m,0 de altura e igual comprimento.

A altura ao nivel dos carris sobre as aguas, na baixamar, é de 61^m,2.

COSTUMES RUSSOS—UM MUSICO D'ALDEIA

A gravura que hoje damos representa um aldeão russo, tocador de guitarra.

Nem o instrumento nem o instrumentista se parecem com os nossos. A guitarra tem a forma triangular, e o tocador, quando principia a tangela, põe os olhos em alvo n'uma attitude mystica e sonhadora, completamente alheiado ás coisas terrestres que se agitam em volta d'elle.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

CHARADA

Retribuição ao, Ex.^{mo} Sr. A. Rodrigues Brancal

Permitta que eu gabe
O enigma que sabe,
E p'lo que me cabe
—Um quasi nadinha!—
Aqui lh'o agradeço:
E em signal de apreço.
Em troca lh' off reço
Simple charadinha

Se ahi tem na capa
D'algum livro um mappa,
De c rto esta papa
Pois que logo topa
—Se acaso fór alho!—
Com pouco trabalho
E de foice a talho
Co' uma ilha d'Europa.—1

Agora, p'la fresca,
Venha d'ahi á pesca
Que é tão pittoresca,
Mas com cuidadinho...
Quero ver se spanho,
—P'ém sem tomar banho
Pequeno ou tamanho!—
Um certo peixinho.—2

Espera ancioso
O fim desastroso,
Bastante horroroso
Da triste charada,
Este seu criado
Attento e obrigado
Mui mal alojado
N'uma agua-furtada.

MATHEUS JUNIOR.

Enigma

Cinco letras tem o todo,
Ninguém pode duvidar;
Mas, de que ellas são só tres,
Eu posso a certeza dar.

Vogaes, apenas ha uma;
Consoantes, duas são;
Já vé o caro leitor,
Que tenho toda a razão.

Quanto a significações,
Muitas lhe podemos dar;
Que pode ser certo jogo,
Não se deve disputar.

Tambem pertence a um verbo,
Se muito nos convier;
E tambem existe ainda
Nos vestidos da mulher.

Ora queira proseguir,
Vá, vá, tenha paciência;
Para encontrar foz d'um rio,
Não carece de sciencia.

Eu talvez o incommode,
Queira o leitor desculpar;
Tem agora aqui um leito,
Onde pode descançar.

Covilhã.

ANTONIO R. BRANCAL.

LOGOGRIPO—SONETO

(A' Ex.^{ma} Sr.^a D. Casimira Leitão)

Certo *animal*, } 5, 6, 5, 4
Ao ver um dia }

Um *passarinho* } 3, 2, 1, 2, 6
Que se escondia }

Entre a folhagem } 6, 4, 6, 3, 2, 6
D'uma *arvor'sinha*, }

Foi-lhe dizer } 1, 2, 3, 2, 6
(Pobre *avesinha*) }

Que ia morrer
Envenenado...
Olha que tal!

Só por comer
(Desventurado!)
Um *vegetal*!

Porto.

REI CHIQUITO.

Decifrações

DAS CHARADAS NOVISSIMAS:—Armario—Poema—Boas-festas—
Calamaço—Promenores—Tamarinheiro—Pucella—Egoa—Apa.
DA CHARADA EM VERSO:—Fabula.
DOS LOGOGRIPOS:—Separatrapo—Imprescriptibilidade.

EXPEDIENTE

Não damos ainda hoje a decifração da segunda charada em verso publicada no nosso ultimo numero, por ter sahido com um erro de revisão, na designação das syllabas.

Diante do ultimo verso da 2.^a quadra: «*d'um animal o cantar*», deve lêr-se 1, e não 2.

Fica feita a rectificação.

*

A decifração exacta do enigma do n.º 43, firmado pelo sr. Antonio Rodrigues Brancal, e posto a premio, é Sal e não Leal, como por lapso sahiu.

Decifraram o enigma os srs. M. Monteiro Junior, J. Soares e Pequeno Antoninho, cabendo o premio ao primeiro d'estes cavalheiros.

A RIR

Calino é um criado desastrado, mas engenhoso. Acabava de entornar uma bacia de agua que seu amo lhe tinha pedido para lavar as mãos, e este observou-lhe:

—Imbecil, como queres que lave agora as mãos?

Calino contempla por um instante a agua, que corria pelo so-brado, e diz:

—Talvez v. ex.^a podesse começar por lavar os pés.

*

—Joanninha portou-se bem na minha ausencia? perguntou a mamã entrando em casa.

—Pelo contrario, minha senhora, replicou a criada. Picou-me a cara com um alfinete!

Joanninha, furiosa, dirigindo-se á criada:

—Esteja descançada. De futuro só a picarei n'um sitio que de certo não mostrará!

UM CONSELHO POR SEMANA

Se as nossas leitoras quizerem escrever em bilhetes postaes, de modo que ninguem possa ver o que escreveram, tornando este mo terno systema de correspondencia economica tão secreta como uma carta fechada, aconselhamos-lhes o seguinte processo:

Escreve-se o que se deseja dizer, com uma solução de nitrato de cobalto ou chlorato de cobre misturado com uma pouca de gomma ou assucar, ou então com uma dissolução de sulfato de cobre ou de ferro com ferrocianureto de potassio. Sendo ambas as dissoluções incolores, nada se vê do que está escripto, emquanto se não submeter o bilhete á acção do calor, tornando-se a primeira dissolução n'uma cor preta muito carregada e a segunda n'um azul muito pronunciado.

Por esta fórma pôde-se fazer uso do bilhete postal como se fosse uma carta fechada, escrevendo apenas com tinta commum o nome do destinatario e a direcção.

O MEZ DE MARIA

Principiara o mez de Maria em todo o seu esplendor, cobrindo-se os campos de flores silvestres de cores vivas, que as raparigas apanhavam aos molhos para tapetar o solo da igreja de Nossa Senhora da Oliveira, onde as «Filhas de Maria» celebravam com pompa o mez da Virgem.

Todos os dias de tarde, quasi ao por do sol, os sons graves do órgão espalhavam-se em ondas sonoras no espaço e vinham expirar na rua, com uma harmonia suavissima e tocante. Em torno da igreja, o magestoso silencio do campo, as arvores immoveis, o interminavel verde claro da relva, vestindo o solo, a transparencia infinita do ar, o azul macio do céu, os passaros a chilrear cortando o ambiente em bandos, tudo isto, tocado d'essa tristeza vaga que se sente ao entrar n'uma quinta ou n'um cerrado, ao estar a sós com a vegetação opulentissima dos vergeis açorianos.

Eram cinco horas da tarde. O sol declinava. Soprava uma ligeira brisa maritima, humida, como um beijo de noiva. De vez em quando, uma velha retardataria, arrastava-se penosamente para a igreja com um grande rosario de madeira nas mãos e um lenço de tres pontas cruzado sobre o peito.

Dentro no templo cantava-se, no côro, os coplas que o padre Rademaker havia ensinado, quando fôra em missão religiosa á ilha, e tinha inaugurado a devoção da moda até alli desconhecida—o mez de Maria.

O povo, no corpo da igreja, repetia as coplas cantadas pelos musicos, n'um tom aspero e retinido, que tinha o quer que era de barbaro, parecendo ter-se recuado aos primeiros seculos do christianismo.

Mas o povo, muito pouco artista, sentia-se satisfeito de tomar parte n'aquelles officios divinos e isso bastava para achar magifico o charivari.

O padre, muito serio dentro da sua sobrepelliz de rendas brancas, sobre as quaes brilhava o ouro de uma estola de setim alvo como a neve, subia á cadeira da verdade. Havia então um fromito de curiosidade no auditorio. Todos os olhares se cravavam n'elle com essa ancidade das almas ingenuas e crentes, que vivem sob a tortura do desconhecido, do tenebroso mysterio d'alem da campa.

Mas o orador sagrado conhecia o seu officio, e por nenhum dinheiro do mundo iria, no mez das flores e do sol, destoar da harmonia inflada da natureza, fallar no inferno e no seu cortejo pavoroso de torturas. A gente do campo é impressionada pelos aspectos exteriores da criação, e na epoca em que a paisagem destumbrava e communica ao espirito a animação e a vida, a alegria e o sorriso, seria realmente uma tãmerida te da parte do sacerdote vir lembrar cousas tristes.

Por isso, o astuto ministro do Senhor se espraia em deliciosas hyperboles.

Não era porém geral a pasmeira do auditorio. N'um e n'outro ponto fusilavam, como brilhantes da mais pura agua, olhares ardentes das juvenis camponesas, para os esbeltos mocetões do sitio.

Em frente do pulpito havia até um ramalhete de raparigas vivas e coradas, cujos olhos eloquentes tinham caricias estonteadoras. E quando o reverendo, com a sua bella voz sonora, fallava da missão da mulher sobre a terra, havia piscadelas de olhos furiosas, disparadas pelos rapazes, o que fazia corar e sorrir mais de uma namorada.

Era este o maior encanto da festa e o segredo enorme da concorrência popular.

Uma das jovensovintes, a Maria Rosa, era particularmente notada pela tenacidade com que fitava embevecida o João das Neves.



COSTUMES RUSSOS:—UM MUSICO D'ALDEIA

—Aquillo é pouca vergonha de mais!—vociferava quasi apoplectica, uma invejosa velha irascivel, que toda a vida jazera erma de paixões mudanas, mercê da horrivel carantonha que lhe encimava o esqueleto.

Tinha a Maria Rosa valentia e pulso, e uma noite, perdendo a paciência, disse-lhe baixinho:

—Olhe que a estrefego á saída, no adro, sua coruja!

Já se tem visto lançar polvora no lume, com menos explosão do que a colera da velha.

—Ah! sua ladra!—bradou a centopeia que, por desgraça, era rija do ouvido e por isso fallava alto, quando desejava expressar-se a meia voz.

—Olhe que a esborracho como uma fatia, que lhe faço saltar a caveira!—tornou a Maria! furiosa e rubra.

As outras raparigas riam á socapa, o que fazia irritar extraordinariamente a velha.

Os rapazes, e especialmente o João das Neves, que tudo observava, largavam piadas para o grupo das raparigas, capazes de fazer corar um veterano das campanhas da liberdade.

A cousa ia dar de si.

A velha, corrida e desesperada, levantou-se por fim para mudar de logar, mas sobreveio outro desastre. O aperto dentro do templo era grande, e as outras mulheres, estranhas á contenda, incommodadas de subito pela resolução da velha em querer abrir caminho, gritavam-lhe:

—Não póde passar.

—Para onde é que quer ir?

—Agora é que lhe deram as dores?

—Sente-se e não seja tola.

—Olhe! dê menos ao badalo, que já não implicam comsigo.

A velha teimava sempre, investindo com o' mulhero espantado; e vendo que não se afastavam, alçou a perna, exclamando:

—Heide passar por força!

E dispoz-se a pisar o regaço das mulheres, todas sentadas no chão coberto d'ervas aromaticas.

—Ah! Elle é isso? Pois espera!—gritaram indignadas as primeiras que foram calcadas; e despregando precipitadamente o alfinete grande dos seus chales, começaram a picar as pernas da temeraria creatura.

Cada picadela, cada berro da infeliz que, por fim, quebrada a energia, chorava, supplicando que a deixassem... passar.

Mas as mulheres são crueis quando se encolerisam, e as adversarias da velha, brandindo os alfinetes ameaçadores, intimaram-na a que recuasse.

Voltar para o seu logar, era entregar-se á lingua damnada dos seus algozes; levantou pois as mãos para o pulpito, a pedir misericordia.

Suspendeu o padre, indignado, a pratica, n'um tropo cheio de elegancia intencional, e mudando subitamente de tom, desandou n'uma descompustura formidanda a todos os fieis devotos.

O sussurro foi enorme. Formaram-se partidos entre as mulheres. Houve arrancada de chinellos, e o que é peor ainda, desancamento com elles.

Os parentes e namorados, vendo as mulheres engalfinhadas, invadiram o corpo da egreja, cada um animado da idéa de proteger a sua dama.

Os rapazes agarraram-se ás namoradas e safaram-se com ellas, enquanto o prégado, dominando o tumulto, berrava descompostamente e rachava a preciosa caixa do rapé, batendo com ella no pulpito, com a vehemencia de um deputado da opposição despedindo murros sobre a carteira.

No dia seguinte ninguem appareceu na egreja. Contavam-se cousas espantosas da noite precedente. Raparigas que se tinham perdido da familia e haviam chegado um pouco tarde a casa, conduzidas caridosamente pelos diferentes Joões das Neves da localidade.

Um monumental escandalo.

Mas a gente do campo, essencialmente pratica, sabe achar a solução immediata a todos os lances escabrosos, com um senso commum que deixa de cara á banda os philosophos e moralistas das cidades.

Todos os chefes de familia cortaram o mal pela raiz.

—Nada mais de ir á egreja, senão no grande dia!—decidiram elles.

E assim foi.

O grande dia, para cada familia d'aquelle venturoso logarejo, chegou; e a Rosa Maria, ao lado da madrinha e seguida dos convidados e do João das Neves, entrou pela primeira vez no templo, depois da memoravel noite; mas foi para se unir legalmente ao seu escolhido.

N'isto, ainda fez outra partida á velha.

As outras raparigas, suas companheiras em a noite do celebre acontecimento, imitaram-na.

Escusado será accrescentar que o «Mez de Maria» principiou, d'aquelle anno em diante, a ser extraordinariamente concorrido, principalmente de raparigas casadoiras, indo todas munidas de um comprido alfinete, á espreita de qualquer velha rabujenta e celibataria.

Mas nenhuma velha caiu.

JOSÉ MARIA DA COSTA.

Administração—Travessa da Quelmaia, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.